



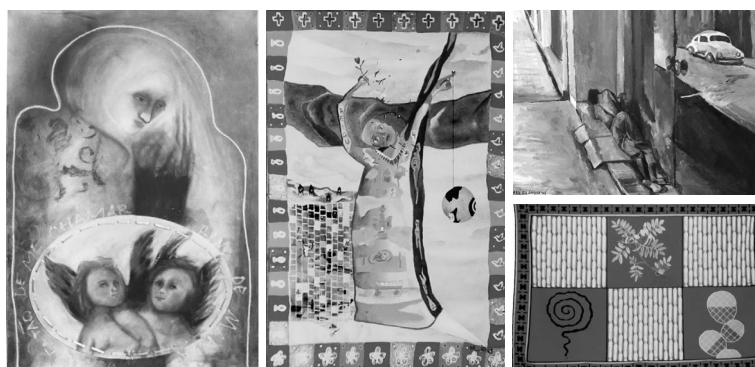
## Natal Severino

Severino Birth  
Navidad "Severina"

Djalma Agripino de Melo Filho<sup>1</sup>

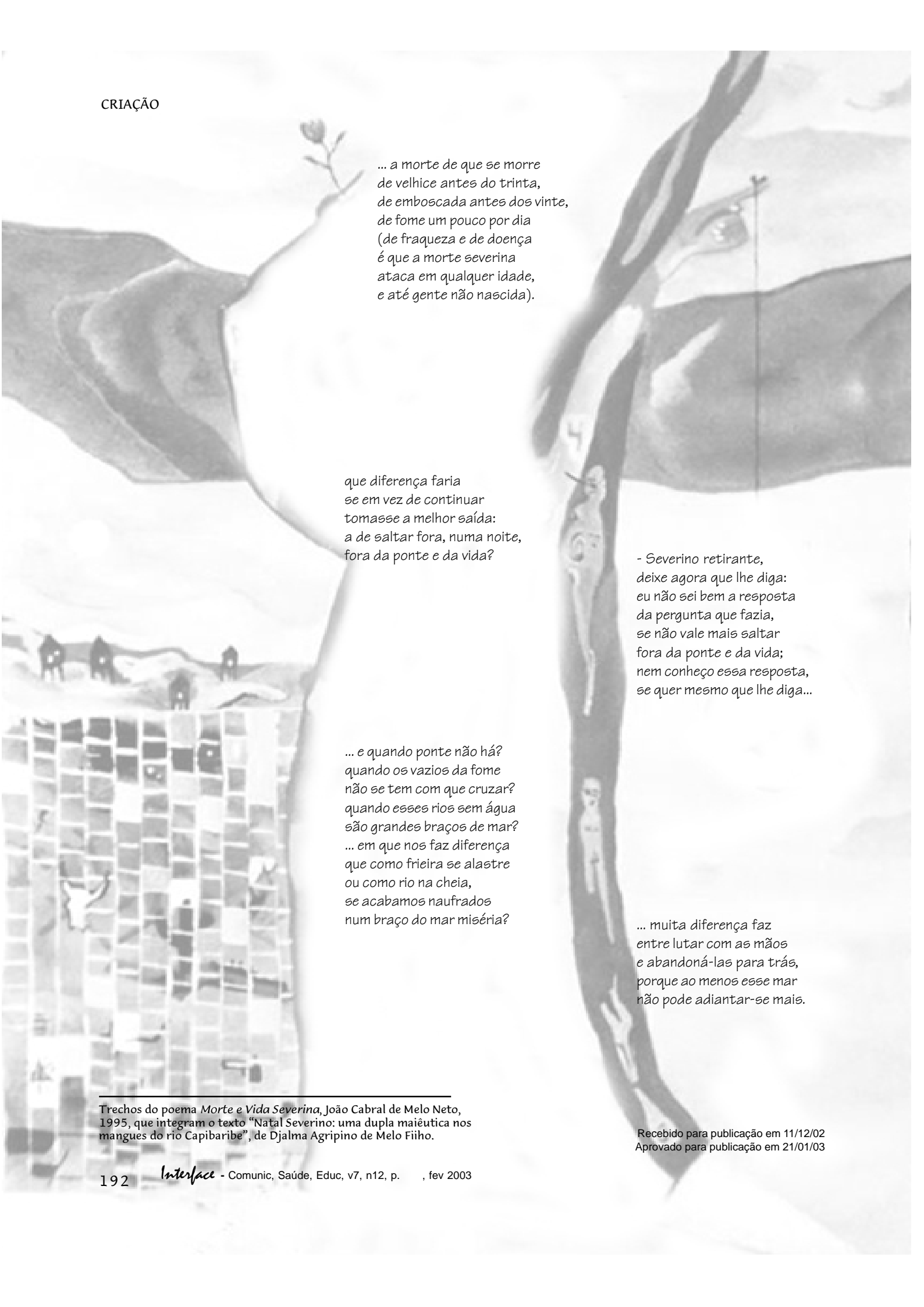


A partir de nove quadros selecionados da exposição de artes plásticas *Morte à Vida Severina*, realizada em 1995, no Museu do Estado (Recife – PE), em homenagem aos quarenta anos de criação do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, realizou-se uma releitura da obra, enfocando fundamentalmente duas situações onde a vida humana é concebida como um ideal de valor: as reflexões de mestre carpina e Severino, retirante, e o nascimento de um outro Severino, às margens do rio Capibaribe, no Recife.



PALAVRAS-CHAVE: Ética; valores; valores sociais; Direitos Humanos.  
KEY WORDS: Ethics; social values; Human Rights.  
PALABRAS CLAVE: Ética; valores sociales; Derechos Humanos.

<sup>1</sup> Médico, Jornalista, Docente Pesquisador do Núcleo de Saúde Pública, NUSP, Universidade Federal de Pernambuco; Assessor da Secretaria de Saúde do Recife. <djalmaf@truenet.com.br>



... a morte de que se morre  
de velhice antes do trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).

que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar fora, numa noite,  
fora da ponte e da vida?

... e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?  
... em que nos faz diferença  
que como frieira se alastre  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço do mar miséria?

- Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga...

... muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las para trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.

Trechos do poema *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto, 1995, que integram o texto "Natal Severino: uma dupla maiêutica nos mangues do rio Capibaribe", de Djalma Agripino de Melo Fiiho.

Recebido para publicação em 11/12/02  
Aprovado para publicação em 21/01/03

MARIA CARMEN, Retirantes, 1991



“São severinos todos os retirantes que a seca escorraça do sertão e que o latifúndio escorraça da terra” (Nunes, 1971).

... todos os que pertencem ao grupo encontram-se sob a mesma condição *severina*, ou vivendo num mesmo ciclo *severino* de morte e vida.



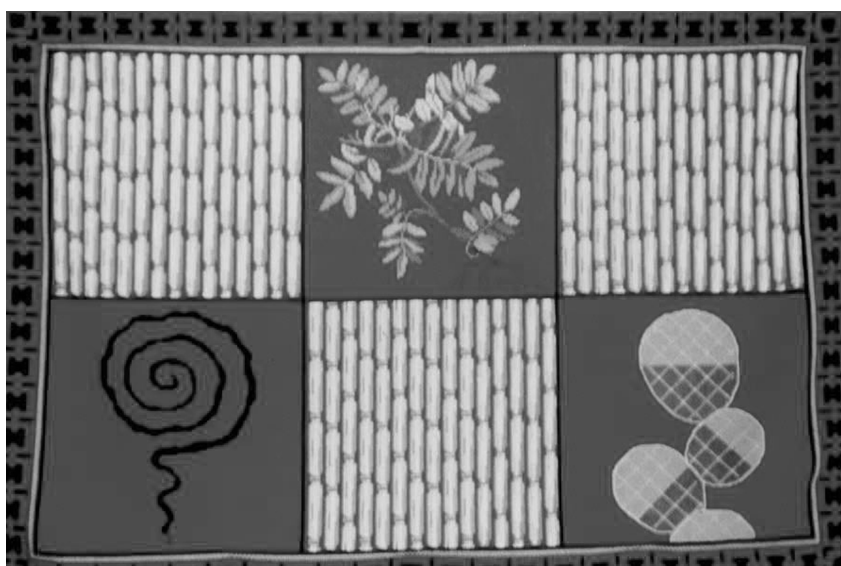
A cabeça grande, o ventre crescido, as pernas finas, o sangue com pouca tinta e a morte antes dos trinta compõem o espectro de uma *severinidade* criada pelas relações sociais, econômicas, políticas, culturais e espirituais estabelecidas pelos próprios homens.

EDUARDO MELO, Biu Buchudo, 1995

ABELARDO DA HORA, Enterro de camponês, 1967



...Severino se depara com um enterro de um lavrador, vítima de violência... lavrar a terra, combater planta de rapina, pastorear gado tudo ele sabia, mas não rezava benditos, nem cantava excelências ou encomendava defuntos. Era isso o que havia para se fazer ali.



MARIA DIGNA PESSOA DE QUEIROZ, Tapeçaria, década de 1990

...Severino chega à zona da Mata: terra doce, feminina; verde da cana-de-açúcar; bueiros de usinas e, o que mais esperava, água! O encantamento dura pouco, chega a desilusão, pois percebe que não havia diferença entre o Sertão, o Agreste e a Mata. Em todas as paisagens, adoecia-se e morria-se à severina.



JOSÉ DE MOURA, S/ Título, década de 1990



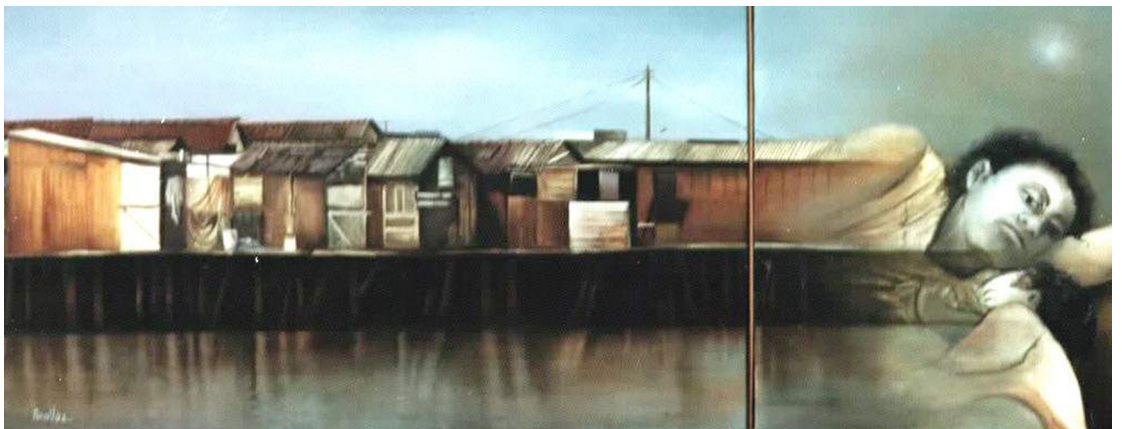
O anjo constitui a ligação entre Deus e o mundo e, “em sua qualidade de mensageiro, é sempre portador de uma boa notícia para a alma” (Chevalier & Gheerbrant, 1992). Não fazem diferente os filósofos.

TEREZA COSTA REGO, Auto de Natal, 1995



À beira do Capibaribe, segundo o auto cabralino, uma criança havia nascido quando Severino estava a filosofar com Seu José, mestre carpina. Mais uma vida começava a integrar a ecologia dos mangues...

O mangue é o local “dos operários, dos sem-profissão, dos inadaptados e dos que desceram do sertão na fome e não puderam vencer na cidade” (Castro, 1957), mas é também uma fábrica de vida.



ANA VAZ, S/ Título, década de 1990

JOSÉ CLÁUDIO, S/Título, década de 1990



... a alimentação, a atividade sexual, o contato social, a atividade laborativa podem ser denominadas de “necessidades existenciais” ... o descanso superior ao necessário para a reprodução da força de trabalho, a atividade artística, a reflexão filosófica, a amizade, o amor, a realização de si na objetivação, atividade moral devem ser denominadas “necessidades propriamente humanas” (Heller, 1991).

... é difícil defender, só com palavras, a vida...  
E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica... (Melo Neto, 1995)  
Sem novas perguntas, sem suicídio, *Morte e Vida Severina* se conclui com uma louvação à vida.



ROSA GUERRA, Homenagem ao Poema *Morte e Vida Severina*, década de 1990